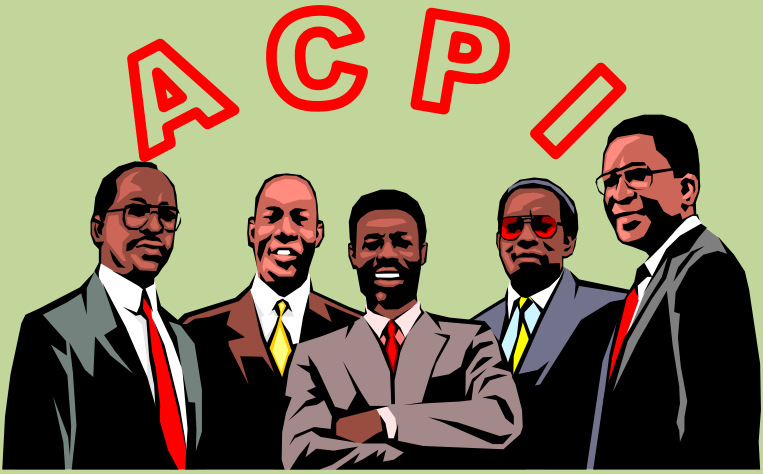


A enorme fazenda Águas Morna circundava a vila a qual emprestou o nome, que cresceu e se formou dentro das terras doadas por seus antigos proprietários e geograficamente pertencia ao município de Santa Clara, uma prospera cidadezinha no interior de Minas, a poucos quilômetros da capital do estado. Está grande e secular propriedade rural, pertencia há anos à família Menezes, cujo atual mentor, Marcos, era filho único da terceira geração de descendentes. Ele aproveitava bem à juventude, seus casos de abusos de autoridade, bem como de assédio sexual, eram notórios na região e os que ousavam enfrentá-lo, sofriam represálias morais, materiais e até em alguns casos danos físicos. Explorava o fato, de ser filho do maior latifundiário local, praticamente dono toda região e vivia aprontando poucas e boas sempre acobertadas pelo beneplácito da interferência do pai.

A enorme fazenda tinha na agropecuária seu forte, era a maior produtora de gado leiteiro e de engorda da região, seus novilhos eram arrematados nos leilões, sempre por ótimos preços. Sua marca e seus rebanhos eram famosos e reconhecidos por todos os pecuaristas do Estado, devido a excelência de suas matrizes, muitas das quais importadas e exibidas nos leilões sempre recebiam excelentes ofertas de compra.

Seus enormes campos, cobertos por milhares de pés de milho, arroz e feijão, que na época da plantação,

cobriam suas terras de verde, proporcionado grande e lucrativas colheitas. Seus morros eram cobertos de pés de café, que se perdiam de vista, ficando lindos, visto de longe, pela enorme quantidade de bolinhas vermelhas que sobressaiam da folhagem verde formada por suas folhas, constatando com seus frutos maduros.

Suas hortas e pomares eram enormes, neles eram produzidos e colhidos carros e mais carros de bois de verduras, hortaliças, tais como couve, alfaces e vários tipos de folhagem e diversas qualidades de legumes, como mandioca, tomate, chuchu, cenoura, rabanetes tubérculos como batata, cenoura, mandioca, etc. Os pomares produziam frutas diversas, como manga, banana, caqui e laranja que colhidos em função da época de colheita e rumavam para armazéns da vila ou para o mercado na sede do município, para serem comercializados.

Era bonito e comum ver-se todo dia, uma frota de burros, deixando a propriedade transportando o leite, retirado higienicamente nos enormes currais, durante a ordenha da manhã das vacas leiteiras campeãs em produção, sendo levado ao laticínio da vila, para ser beneficiado. Posteriormente depois de tratados eram remetidos para o comércio do município ou da capital. O leite retirado na ordenha da tarde era usado na confecção de queijos, manteigas, consumidas pelos proprietários e também distribuídas entre os empregados com cotas generosas em função do número de residentes.

Uma grande manga de porcos provia a todos de gordura e carne frescas, bem como suas granjas e viveiros forneciam o suprimento de ovos e frangos. Toda semana um novilho era sacrificado para abastecer a mesa dos donos e melhorar a alimentação de todos os empregados da fazenda e todos na redondeza se beneficiavam da bondade dos proprietários da grande fazenda e dependiam em muito dela para viver. Podia-se dizer que a fartura ali era enorme e nada faltava à sede, nem a seus empregados meeiros, pois era norma dos donos, distribuírem parte substancial do que colhiam entre todos os pobres da região.

Marcos vivia nababescamente, aproveitando o dinheiro e a vida fácil, não saia das festas locais, sempre

acompanhados por amigos nas farras e bailes da região, onde era disputado pelas jovens não só por sua beleza e juventude mais também por seu dinheiro, era sem dúvida nenhuma o melhor partido do local. Ele forçava encontros com as garotas que lhe agradava, insistia com palavreado dúbio e não lhe dava tréguas e acabava sempre as levando para cama, utilizando-se de meios escusos e até chantagem, ameaçando-as de expulsar os pais da fazenda, se não se deitassem com ele e satisfizessem seus desejos. Esses assédios, não respeitavam nem as jovens esposas de seus empregados, que por receio de serem posta para fora da propriedade, com seus familiares se sujeitavam e se deixavam possuir.

Certa tarde, Joana foi até a fazenda falar com a patroa e deparou-se com o fazendeiro, que a convidou a entrar e quando adentrou na fazenda, ele começou a acariciá-la, apesar de sua resistência e negativa. Ela se debatia procurando se esquivar mais embora não usando a força bruta, acabou por possuí-la no chão da sala, havia praticamente estuprado a bela morena e após saciar seus desejos sexuais e satisfeito; disse a jovem:

- Viu Joana como foi gostoso, agora que conhecemos bem um ao outro, podemos repetir e fazer isso de novo de vez em quando. Você tem muito mais a ganhar me aceitando como seu amante e muito a perder me rejeitando.
- Se Augusto ficar sabendo, ele mata nos dois.
- Por que precisa saber? Será nosso segredinho.

Joana voltou para casa e antes de lá chegar, parou debaixo de um frondoso pé de oiti e chorou copiosamente, perguntando a si mesma como iria conviver com aquela situação e o que seria dela se o marido viesse descobrir que havia se deitado, mesmo que forçada com o patrão. Recompôs-se e voltou para casa enojada com a situação, sentia-se suja por dentro e por fora, mais não tinha como fugir da situação que tinha pela frente. Uma pergunta que tinha na cabeça era se devia contar para a esposa de Marcos. Mais se ela não acreditasse e apoiasse o marido, como ficaria sua situação e do marido. Resolveu que o melhor era se calar e se conformar com sua sina, passaria a evitar se encontrar com o patrão, evitando-o de todas as

maneiras que situação permitisse, não lhe dando chance de vê-la e muito menos de molestá-la.

Dias depois, Joana descobriu que estava grávida e ao contar para amiga Claudia, a jovem esposa do fazendeiro, recebeu desta a notícia de que ela também estava e daí para frente era comum encontrar as duas, cuidando do enxoval dos futuros filhos. Falavam sobre gravidez e os cuidados que deviam tomar durante esse período e depois do parto os cuidados com os futuros rebentos e viviam contando os dias para trazerem ao mundo seus rebentos.

Claudia a mais culta das duas, ensinava e transmitia para amiga tudo que lia ou ouvia sobre o período prénatal e os cuidados que ambas deviam tomar para facilitar o parto e trazer ao mundo uma criança saudável.

As consequências da noticia da gravidez de ambas, fez com que Marcos se afastasse e parasse de perturbar a jovem, parou com seus assédios e suas tentativas de voltar a possuí-la, voltando às sanhas sexuais contra outras jovens e jovens esposas locais.

A paz voltou à cabeça da bela morena, que pode gerir sua vida junto ao marido sem maiores preocupações livres dos assédios do patrão.

A vida corria seu curso e os ventres das duas jovens esposas cresciam a cada dia, a gravidez de Claudia, no entanto, era mais dolorosa e requeria muito mais cuidado do que a da bela morena, que continuava sua labuta na vida dura que levava em seu humilde casebre.

Marcos que passara a gostar realmente de Joana volta e meia trazia um presente para ela ou para o futuro filho da morena, sempre procurando agradá-la como podia, sem deixar que sua mulher ou que o marido desconfiasse de seus propósitos. Pretendia continuar possuí-la e queria fazê-lo tão logo ela tivesse condições para manter uma relação sexual e já fazia planos para tê-la tão logo terminasse o resguardo da morena. Apesar dos pesares, Joana continuava feliz, ajudando a Claudia a preparar o enxoval de seu bebê e o do seu também, pois a patroa comprava tudo em dobro e a cercava de cuidados, pois sabia de sua gravidez difícil. As duas mulheres se divertiam preparando-se prática e psicologicamente para serem mães. Marcos por sua vez

vivia caçando as fêmeas da região, ao passo que Augusto vivia alheio a tudo, complemente desligado de vida e da mulher, que em função gravidez pouco ligava para suas necessidades masculinas, recusando contato com ele sempre que podia. Podia se dizer, que Marcos se preocupava mais com Joana do que seu próprio marido e procurava satisfazer os desejos naturais oriundos da gravidez de ambas, com a mesma atenção e prazer.

O nono mês de gravidez estava próximo e numa noite chuvosa, a velha parteira da vila, encontrava-se na casa de Joana, pois ela entrará em trabalho de parto e sua bolsa havia se rompido. Carola, a parteira estava pronta para trazer ao mundo mais uma criança, como já o fizera praticamente com todas as crianças da vila, que vieram ao mundo através de suas mãos. Ela se considerava avó de muitos meninos e meninas da vila incluindo Augusto.

A velha incentivava a jovem a fazer força para empurrar o feto para fora, apesar das fortes dores que a jovem mãe sentia e a velha dizia procurando ajudar:

- Força Joana, a cabecinha dele já apareceu, já passou por sua vagina e o tronco está começando a sair a cada contração. Empurre com toda força que puder.
- Mais dói muito Dona Carola.
- Sei que dói filha mais é assim mesmo, a natureza vai ajudar lhe dando de presente um filho forte e saudável. Força filha faça força a cada contração.
- Dói muito.
- Pronto o tronco está passando, ele está saindo. Isso, isso, já tenho quase todo seu corpinho em minhas mãos. Venha meu neném, venha para seu novo e belo mundo. Pronto, acabou minha filha você é mãe de um belo garoto.

A velha parteira estava acabando de dar o banho no garoto, para entregá-lo a mãe, quando bateram à porta do casebre. Era um empregado da sede da fazenda, anunciando que Dona Claudia entrara em trabalho de parto e estava passando muito mal e o patrão pedia a Dona Carola que fosse para lá o mais rápido possível.

A parteira acabou de dar banho no rebento e o entregou à mãe que cheia de satisfação o colocou no seio,

com muita alegria na boquinha do filho, que sugou com força o colostro armazenado no mamilo da jovem.

Carola deslocou-se para fazenda, debaixo de um forte pé d'água e correndo até o quarto de Claudia, onde começou a examinar a parturiente, apalpando seu ventre procurando ver como estava acomodado o feto no útero da mãe. Quanto mais a examinava a mãe, mais sentia pena do casal, pois pressentia o pior e pediu a serviçal alguns lençóis solicitando e que colocassem bastante água para ferver. Saiu do quarto, indo procurar Marcos que nervoso esperava na sala e disse para o jovem marido, logo que entrou:

- Dona Claudia está tendo uma eclampsia e o certo era ser operada imediatamente. Acho que não temos tempo e condições para levá-la até ao hospital na cidade, principalmente com esse tempo, logo vou tentar fazer seu parto aqui mesmo, mais tenho que lhe dizer que vai ser difícil manter os dois vivos e quase certo perdermos um deles.

- Que é uma eclampsia Dona Carola?

- É uma doença que se manifesta em parturiente, provocando espasmos convulsivos na mulher e se ela desmaiar não terei como reanimá-la e às vezes é até difícil salvar a criança, pois temos que retirá-la do útero da mãe a força.

- Meu Deus me ajude a salvar meu filho e minha esposa, não gostaria de perdê-los.

O fazendeiro começou a chorar e a parteira voltou para o quarto para tentar manter entre os vivos a mãe e filho. Foi um resto de noite longo e muito triste, quando o dia amanhecia a velha senhora conseguira trazer ao mundo a criança, porém havia perdido a mãe que não resistira deixando o mundo dos vivos.

Quando ouviu o choro do bebê, Marcos correu para o quarto e tão logo entrou viu a parteira com o recém-nascido no braço preparando-se para dar-lhe um banho quente e Marcos quase sem voz perguntou a velha parteira:

- Então?

- Infelizmente nós a perdemos.

- E agora meu Deus. Como vou alimentar e manter essa criança. Ela pode tomar leite comum? - Perguntou a parteira.

- Não, tem que se alimentar por um tempo com leite humano.

- Onde vou arranjar leite para ele?

- Peça a Joana para fazê-lo ela acaba de dar a luz e pode dividir seu leite com os dois meninos, basta o senhor reforçar sua alimentação para que possa produzir bastante leite para os dois.

- Vou levar o garoto até sua casa para ela o alimentar.

- Não. Peça ela para vir até aqui, a senhora não pode sair com essa criança debaixo desse temporal.

- Seu Marcos, ela é que não pode vir aqui, pois está de resguardo e pode pegar uma gripe e os dois garotos se prejudicarem.

- Mais com vai fazer isso?

- Deixe comigo, não é primeira vez que passo por uma experiência de levar uma criança para outra mãe alimentar.

- Sim mais não debaixo dessa chuva toda.

- Deixe comigo e procure tratar do enterro de Dona Claudia. Deixe que trato do garoto.

- Meu Deus eu não mereço isso.

- Que merece? Pode estar certo que merece isso é um castigo para o senhor.

- Do que você está falando?

- O senhor sabe melhor do que ninguém.

- Que foi que fiz para merecer isso?

- Ainda pergunta. Olhe para dentro de si mesmo e terá a resposta que procura. Veja se aprende a lição e se corrija.

- Corrigir de quê?

- Deixe as mulheres e filhas dos outros em paz.

A parteira enrolou a criança em um cobertor e pediu a um empregado que colocasse uma capa sobre ambos e as levasse debaixo de um guarda-chuva até o casebre de Joana. Lá chegando contou a jovem mãe o que se passa-

va e a tragédia de Claudia e ela prontamente amamentou o filho de sua ex-amiga.

No dia seguinte, Marcos propôs ao Augusto e a Joana, que mudassem para fazenda para facilitar a amamentação de seu filho, não sacrificando o resguardo da jovem mãe. O marido ficou contrariado mais entendendo a situação concordou e o casal passou a ocupar um quarto na fazenda, praticamente morando no casarão.

O mês passou e o ano também e os garotos crescem e Joana cuidava dos dois como se fosse sua verdadeira mãe. Deixara de lado o marido e quando ele à noite a procurava para fazerem sexo, alegava que estava cansada e ele por sua vez estranhava a atitude da mulher mais acabava aceitando a recusa e se conformava.

Certa tarde, Marcos ao cruzar com Joana empurrando o carrinho dos garotos roçou em seu corpo e sentiu uma tesão irresistível de possuir a morena e passou a assediá-la sutilmente, dizendo palavras com dúbia interpretação e quando ela reagia negativamente, ele dizia que não isso que queria dizer. Habilmente ele foi conquistando a confiança da morena e ela aos poucos foi aceitando sua corte e numa tarde acabou por se entregar a ele totalmente, embora tivesse medo da reação do marido se viesse descobrir que ela havia se envolvimento com o patrão. Certo dia quando estavam numa tarde na cama ela disse para Marcos:

- Temos que parar com isso, pois não está certo trairmos o Augusto.
- Mais eu gosto de você e a quero para mim com esposa.
- Mais eu sou casada.
- Toparia ser minha companheira?
- Como assim?
- Se o Augusto saísse de sua vida toparia morar comigo, como minha mulher de verdade?
- Como ele sairia de nossas vidas? Você não está pensando em fazer besteira. Está?

- Claro que não estou pensado em matá-lo se isso que perguntou.
- Ainda bem. Como faria isso?
- Pedindo a ele para sair de sua vida.
- Ele não faria isso.
- Você não imagina o que o dinheiro pode comprar. Posso tentar?
- Desde que não faça nenhum mal a ele, concordo. Fico com você se ele me abandonar.
- Ótimo. Vou falar com ele e propor que a deixe.

Uma semana depois Marcos convidou a Augusto para ir como ele a cidade fazerem compras e na viagem disse para o colono:

- Augusto. Posso lhe confidenciar algo?
- Claro patrão.
- Quanto você quer para sair da vida de Joana para sempre?
- Isso é proposta que se faça a um homem? Quem o senhor acho que sou?
- Um homem que gosta de dinheiro, que tem uma bela esposa, que não o ama mais, da qual eu gosto. Que não quer nada comigo, por respeito ao marido e por ser uma mulher honesta e digna.
- Como sabe que ela gosta do senhor?
- Da mesma forma que você sabe que ela não gosta mais de você.
- Realmente ela anda muito estranha nos últimos tempos. Achei que ela estava se deitando com o senhor.
- Ela é digna e não fará isso enquanto você estiver presente.
- O senhor já tentou?
- Não cheguei a tentar mais me insinuei e fui repelido. Cheguei a ameaçá-la de expulsar vocês da fazenda e de arranjar outra pessoa para alimentar meu filho e ela recusou. Desculpe mais você não a merece.
- Como posso acreditar no senhor.
- Estou me abrindo com você e sabe muito bem que posso dar um futuro mais tranqüilo para os dois do que

você. Portanto deixe os dois serem felizes. Você pode viver em outro lugar com outra mulher.

- Que vou ganhar deixando minha família?

- Que família Augusto, você não tem nenhuma e sabe muito bem disso. Se não pode comer deixe que os outros o façam. Deixe-a ser feliz, pois ela bem o merece.

- O senhor vai me dar um bom dinheiro para começar vida em outro lugar, o mais longe possível é isso?

- Sim. Desde que me prometa nunca mais voltar para perturbar nossas vidas, mais se não cumprir o que prometer eu mando acabar com você.

- E se tratá-los mal eu volto e faço o mesmo com o senhor.

- Isso nunca vai acontecer.

- Tudo bem eu topo.

- Quando pretende partir?

- Na semana que vem depois de conversar com ela.

- Vou providenciar sua grana para poder partir.

A noite Augusto deitado ao lado da esposa disse para ela:

- Posso lhe fazer uma pergunta, mais gostaria de uma resposta sincera de sua parte, para poder me posicionar na vida.

- Pergunte se souber responder o farei com a maior lisura.

- Você ainda gosta de mim?

- Para ser sincera, da forma igual a quando nós casamos, não.

- Obrigado pela sinceridade, então quero comunicar a você que vou cair no mundo, deixando você livre para seguir sua vida. Sei que gosta do Marcos e assim poderá viver em segurança ao lado dele. Que cuidara não só de você mais também de nosso filho.

- De onde você tirou essa ideia que quero viver com seu Marcos, meu marido é você e bem ou mal tenho que ganhar a vida a seu lado, foi o juramento que fizemos no altar, perante o padre e quero cumpri-lo até a morte.

- Pois estou libertando você desse juramento e deixo-a livre para seguir o caminho que bem entender.

- Augusto não faça isso pense também no nosso filho.

- Já me decide, vou embora para sempre e espero que seja feliz. Se quiser voltar para casa de seus pais eu a levo, mais sei que não vai voltar que vai continuar aqui enquanto Andrezinho precisar de seu leite.

- Vamos voltar para nosso casebre e podemos ainda ser felizes juntos, fique comigo. Não me abandone e nem ao nosso filho.

- Já me decidi, vou embora amanhã.

A mulher virou-se para o canto e chorou a noite toda. Na manhã seguinte, quando Marcos foi tomar café a encontrou com os olhos vermelhos de tanto chorar e perguntou o que houve e ela respondeu, dizendo que Augusto ia partir, largando ela e o filho na rua da amargura. E Marcos disse em tom conciliador:

- Que na rua da amargura que nada, você vai ser a minha esposa com tudo que tem direito e vai criar o meu filho e o seu, como se fossem nossos filhos.

Augusto sumiu da fazenda e nunca mais se ouviu falar dele. A vida voltou à rotina com Marcos e Joana, passando a viver maritalmente e criando os dois garotos com muito amor e carinho.

Os garotos cresciam, Joana se encarregava da educação dos dois, ministrando a ambos, os primeiros ensinamentos escolares e quando completaram quatro anos já liam com certa destreza e sabiam distinguir os números. Os dois foram matriculados na escola da vila e se distinguiam perante os colegas de sua classe, sendo sempre elogiados pelas professoras e rapidamente passaram a cursar a primeira serie do primeiro grau.

A grande diferença entre os dois estava na forma de viver, Abel era dócil, simples, amigo de todos, sobretudo humilde, procurava sempre fazer amigos e os valorizava qualquer que fosse sua condição social, em contraste com André, que era orgulhoso, seus amigos eram de classe social alta, abastada e não se misturava, procurando manter distância dos que tinham menor poder aquisitivo do que sua família e fazia questão de frisar que era rico.

Abel frequentava a igreja e nas missas dominicais trabalhava como coroinha, ajudando o vigário a rezar a Santa Missa e sempre cabia a ele ler o sermão, pois parecia que tinha o dom da palavra, conseguindo a atenção dos que assistiam o ato religioso. Era também frequentador dos cultos dominicais e embora tendo pouca idade, o jovem mantinha sempre longas conversas sobre política com Dimas, o vereador que representava da vila, junto à Câmara Municipal, aprendendo com o edil a história política do país e de seus principais protagonistas. Dimas brincava com o garoto dizendo que o indicaria para ocupar seu lugar, tão logo completasse a maior idade.

O irmão por sua vez, não se interessava por nada, queria levar a vida sem nenhuma responsabilidade e nada o prendia a realidade, causando aos pais muito receio, principalmente quando os dois conversavam e faziam comparações entre os dois filhos.

Terminado as quatro primeiras séries do primeiro grau, os dois foram matriculados no colégio da cidade para completarem as quatro séries restantes do curso básico e novamente a diferença entre os irmãos se fazia notar. Um interessado por eventos extracurriculares. Abel participava do coro da igreja, do grupo de teatro, promovia torneios de futebol e voleibol interclasses. Conseguiu organizar uma pequena olimpíada intercolegial, entre os três colégios da cidade, sendo elogiado pela organização com que o evento se desenrolou e foi convidado e designado pelo Secretário de Cultura Municipal a organizar a do ano seguinte.

André não tomava conhecimento de nada, querendo farras e garotas, o colégio era um passatempo que era obrigado a frequentar para enervar o pai e ia para não perder a regia mesada.

Quando completaram as últimas séries do curso básico, foram matriculados no colegial, onde concluíram o segundo grau e prestaram vestibular. Abel para o curso de administração de empresas na faculdade local, enquanto o irmão preferiu o cursar economia e ambos foram aprovados nas provas de admissão e o destaque ficou novamente com Abel. André ofuscando pelo irmão não lutava por nada, vivia

alheio ao que ocorria ao seu redor, suas notas eram para passar, assim achava que estava cumprida sua tarefa.

Abel ainda estava cursando a faculdade, quando o velho amigo de seu pai, o vereador Dimas, com qual o rapaz sempre mantinha contato, o convidou a candidatar-se a um cargo eletivo na câmara, ocupando como preconizara tempos atrás sua vaga, pois pretendia concorrer ao cargo de prefeito. O jovem se entusiasmou com convite e chegando a casa chamou os pais, os colocando a par do convite de Dimas. Pedindo conselhos, pois não tinha como aquilatar as consequências de tal candidatura. O pai, pacientemente explicou para ele, como deveria agir um edil, quais suas atribuições, responsabilidades, os deveres que assumia perante a comunidade que o elegera e o rapaz disse para os pais:

- Prometo aos dois que se for indicado candidato e for eleito, vou trabalhar para melhorar a vida desse povo sofrido e não medirei esforços para criar leis que beneficie a população. Serei um político honesto, integro e prometo aos dois nunca manchar o nome que me deram.

- Obrigado filho. - Disse Joana emocionada.

O rapaz se afiliou ao partido de Dimas e por ocasião da assembleia municipal do partido, viu seu nome indicado como um dos candidatos a concorrer à câmara dos vereadores e o seu velho amigo indicado a concorrer à prefeitura local. A luta do jovem começou em duas frentes com todo denodo, uma nos estudos e a outra, convidando todos os amigos que o conhecia a dar-lhe uma chance de trabalhar pela comunidade, ganhando até a adesão do irmão, que cerrou fileira a seu lado, para ganhar maior número eleitores. Abel acompanhava Dimas por todo município fazendo campanha junto à população, para tentarem ganhar a eleição para os cargos aos quais haviam sido indicados.

A vitória de ambos foi esmagadora. Abel conseguiu uma quantidade de votos, que levou sua legenda fazer mais um vereador e no primeiro dia de janeiro com a cidade engalanada numa uma grande festa, Dimas recebia o cargo do prefeito de seu antecessor e no dia seguinte, a câmara se reunia para votar sua mesa diretora.

Com o apoio e indicação de Dimas, Abel concorria à Presidência da Câmara de Vereadores e ganhava fácil do outro candidato, se tornando o mais jovem vereador e presidente de uma câmara municipal do país.

A Presidência da Câmara e sua amizade ao Prefeito proporcionava ao rapaz uma gestão à frente da câmara, que trazia benefícios população e os vereadores, mesmo os de oposição nunca foram tão atuantes como na gestão atual.

Com maioria na Câmara cerrando fileiras para apoiar o Prefeito, este começou a sua gestão frente do município mudando sua cara, não realizava obras de grande porte mais sim as que beneficiavam a população de forma direta. Abel procurava ajudar seu amigo dando-lhe respaldo, criando leis que ajudavam a governabilidade do município. Cobrava dos Deputados Estaduais do partido, a liberação de verbas para melhorar a vida da população e sob sua iniciativa, organizou e chefiou uma comissão, para numa audiência junto ao Governador reivindicar e conseguir deste, verba para asfaltar a estrada de acesso à cidade.

O asfaltamento trouxe benefícios enormes à cidade, pois sua produção agrícola viu uma porta aberta para exportar seus produtos, que muitas deixavam de ir para a Capital devido às péssimas condições de suas vias vicinais e o progresso batia as portas de Santa Clara e a cidade crescia a olhos vistos.

Certa noite, quando Dimas voltava da capital, onde fora para uma reunião com o Governador, seu carro derrapou na estrada, capotou várias vezes e caiu numa ribanceira. Ele e seu motorista pereceram no lamentável acidente.

A cidade chorou a morte de seu dirigente máximo e se cobriu de luto, lamentando a perca de seu prefeito. O corpo de Dimas foi velado no salão nobre por quase todos os habitantes debaixo de forte comoção. Abel se viu obrigado a assumir interinamente a prefeitura e ocupar a cadeira de seu grande amigo e mentor, pois o vice-prefeito se encontrava há vários meses, em viagem pelo exterior. O primeiro ato do novo Prefeito infelizmente foi decretar luto oficial por uma semana. O féretro do Prefeito foi uma ceri-

mônia comovente, contando com a presença do Governador, de vários Secretários de Estado e Deputados. A população conduziu suas exéquias ao cemitério municipal com uma grande dor e enternecimento, a beira do tumulo várias pessoas discursaram falando do trabalho, da correção, da forma digna, como vivera o falecido. Ali mesmo começou a se cogitar em entregar a Abel a Prefeitura, fato que não agradava em nada ao jovem.

Abel ainda de madrugada procurou se comunicar com o vice-prefeito e eventual substituto do falecido, que estava na França a trabalho e ouviu deste a comunicação, que lamentava a morte do amigo, mais abria mão do cargo. Comunicando que seria nomeado representante da firma para qual trabalhava naquele país e para lá se mudaria, tão logo conseguisse o visto de permanência, que já havia solicitado para si e seus familiares às autoridades locais. Que lamentava mais enviaria por fax sua renúncia imediatamente para não prejudicar o município.

No dia seguinte, o jovem convocou uma reunião da câmara, para uma seção extraordinária e comunicou aos colegas, a decisão do vice-prefeito, apresentando o documento que receba do mesmo oficializando de sua renúncia. Os vereadores aclamaram nome de Abel, o indicando como mandava a constituição municipal a assumir o cargo vago e o jovem se viu obrigado a ocupar o cargo de primeiro mandatário municipal, cumprindo o resto do mandato ocupando a cadeira de Prefeito, em substituição do amigo.

No seu discurso de posse o jovem enalteceu a figura de Dimas e conclamou os colegas a cerrarem fileira com ele para continuar a grande administração que seu amigo vinha fazendo. Os vereadores e os habitantes receberam a indicação do jovem com muita satisfação e a maioria além de aprovar seu nome, achava que não haveria solução de continuidade na gestão do "garoto" como era chamado.

À noite na casa dos pais ele comentava com os dois:

- Pai, mãe, eu estou morrendo de medo de ocupar esse cargo, acho que não estou preparado para fazê-lo e não sei nem como sentar naquela cadeira.

- Calma meu filho, tudo se ajusta com o tempo e às coisas vão chegando ao seu lugar gradativamente. Não é do medo que devemos temer e sim a forma com temos que vencê-lo e não tenha medo de ter medo, ele é inerente e faz parte da nossa vida.

- Mais o meu me assusta, me faz tremer na base, não sei se vou conseguir dormir e não consigo me ver sentado naquela cadeira. Acho que não vou conseguir nem falar.

- Vou estar ao seu lado mano para o que der e vier você vai vencer pode estar certo.

- Obrigado pela força mano, de você eu só podia esperar isso. Vou nomear você meu assessor direto para poder me ajudar.

A administração de Abel começava a aparecer, ele usava sua influência para conseguir verbas junto ao Governo Estadual para construir escolas, hospitais e creches. Conseguiu melhorar as estradas vicinais, construiu um teatro de lona, promoveu shows e vários eventos, trazendo artistas para se apresentar na cidade dividindo os custos entre a indústria, o comércio e a Prefeitura. Deu incentivo fiscal para novas indústrias se estabelecerem no município baixou os impostos, a cidade ganhou um cinema e dois hotéis modestos é bem verdade mais trazia renda para a população local. Promoveu um torneio de futebol, para incentivar os desportistas do município, convidou um grande time da capital a fazer sua pré-temporada na cidade, com isso a impressa falada, escrita e televisada veio junto com o clube e passou um bom tempo na cidade. Santa Clara começou a ser conhecida no âmbito estadual e já não era um pontinho no mapa e crescia com o rapaz trazendo toda vez que podia o Governador para vir inaugurar uma obra ou abrir a solenidade de um evento.

A época de novas eleições batia a porta e Abel não via a hora de voltar a se candidatar a vereador e voltar a sua rotina na câmara. O partido do jovem prefeito entrou na justiça reivindicando seu direito dele se candidatar ao cargo eletivo de mandatário da cidade, alegando que seu mandato era tampão e que de fato ele não era prefeito e o Supremo Tribunal Eleitoral permitiu que ele concorresse. A

reeleição do rapaz foi tão fácil que diziam na cidade que até seu adversário ao cargo havia votado nele.

O ano das eleições legislativas para presidente, governador, para o senado e deputados, estavam chegando e os partidos se movimentavam, para escolher seus candidatos e os apresentar em suas assembleias partidárias, onde homologariam os nomes dos mais credenciados e em condições de se elegerem. O nome do Prefeito de Santa Cecília surgiu como um dos mais cotados a ser escolhido a se candidatar a uma cadeira, na Assembleia Legislativa Estadual.

Quando foi procurado pelo presidente do partido. Alegou que gostaria de completar seu mandato, pois ainda tinha planos para a sua cidade e muito havia por fazer, porém foi convencido a aceitar e embora relutante, acabou por acatar a decisão do partido e teve seu nome indicado e homologado pelos delegados na convenção.

Foi aceito por todos com seu nome aclamado como uma excelente indicação e todos apostavam que teria uma chance real vencer e ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa.

Em 1° de outubro, seu nome foi sufragado nas urnas como um dos Deputados mais bem votados. Novamente no início do mês de janeiro, o jovem enfrentava uma nova cerimônia de posse, para tomar posse da cadeira para a qual havia sido eleito e prestava juramento se comprometendo em trabalhar para ajudar o povo que o elegera como o Deputado mais jovem a entrar na Assembleia Legislativa.

Lá foi o jovem para capital como representante do povo mineiro e começou a trabalhar com o mesmo afinco que marcaram sua passagem pelos cargos que ocupara e como não podia deixar de ser, convidou o irmão a ir com ele para Capital, para assessorá-lo. Este mais uma vez se sujeitou a ficar na sombra do irmão sendo seu segundo.

Começava uma nova batalha para o jovem Deputado, pois como sempre, gostava de fazer jus à confiança que o povo lhe dera e trabalhava com denoto em sua defesa do povo, criando leis, fiscalizando obras, solicitando verbas para construir escolas, hospitais, creches, estradas e etc. O Governador do qual se tornara amigo, sempre que o jovem

deputado entrava em seu gabinete, antes mesmo de cumprimentá-lo dizia:

- Não tenho disponibilidade de verba no momento, volte outra hora.

Abel riu e disse ao Governador:

- Sou tão mal visto aqui assim?

- Você só vem aqui para pedir. Falando sério você não quer assumir a Secretária que lhe ofereci, preciso de uma pessoa laboriosa trabalhando lá.

- Obrigado chefe, mais eu tenho que batalhar pelo povo que confiou em mim e me elegeu.

- Abel estive conversando com figuras proeminentes de meu partido e a conversa desviou para a minha substituição e seu nome surgiu como um provável substituto e não posso negar que você tem minha simpatia e amizade. Que me diz sobre esse assunto?

- Governador. Sinceramente agradeço, mais pertenço a um partido diferente do seu e não trairia os meus correligionários, para concorrer ao cargo que ocupa, sem o aval de meus correligionários.

- Mais quem insinuo que estou propondo que troque de partido? Sei muito bem que se propusesse isso a você seria repelido com veemência.

- Perdoe mais foi o que entendi.

- Durante a conversa esse tema foi vinculado e alertei que o conhecendo como o conheço você não faria isso.

- O que está propondo afinal?

- Uma coligação entre os dois partidos o seu e o meu. Você toparia se os dois se acertarem?

- Como disse, sou um escravo do meu partido e se eles me indicarem, pode estar certo que vou aceitar.

- Ótimo, vou comunicar a minha base e começar as conversações para formalizarmos essa aliança.

- Não é muito cedo para isso.

- Uma candidatura começa bem antes das eleições, como o eleitor vai votar em alguém que não conhece. Se acertarmos a coligação em todas as viagens que fizer pelo Estado, você será convidado e será apresentado como meu provável substituto.

- Cada dia, eu aprendo mais um pouco mais sobre política. Tenho muito ainda que aprender e fico com receio de não estar à altura para sentar nessa cadeira.

Um dia ao sair da aula de pós-graduação na Universidade, uma colega de curso apresentou a ele uma colega comum, chamada Márcia. O rapaz se encantou com a garota e começaram a sair juntos, frequentando festas nos fins de semana e meses depois ficavam noivos e marcavam o casamento para três meses depois.

Os pais da jovem receberam o Deputado e futuro candidato ao Governador, com muito gosto, alertando que seus antepassados foram pilares das tradicionais famílias mineiras e falarão em fazer uma cerimônia que seria um marco na sociedade mineira, que o enlace seria comentado por anos.

Abel repudiou a ideia, pois queria que seu casamento fosse uma cerimônia simples e não um acontecimento político ou promocional propôs a jovem que se casassem em sua cidade natal longe de tudo e de todos. Durante a conversa quando expôs seu modo de pensar ao Sr. Martins, os dois tiveram o primeiro desentendimento, pois o sogro não concordou. O rapaz respondeu duro ao o futuro sogro, alertando que não queria envolver sua vida particular com a profissional. E o velho rebateu a argumentação do jovem:

- Até parece que você tem algo a esconder ou então para se envergonhar de minha filha ou de minha família. Posso assegurar a você, que somos uma família tradicional e conhecida em todo Estado e minha filha não vai se casar como se estivesse escondendo alguma coisa.

- O que, por exemplo?

- Uma gravidez indesejável é o que vai parecer e ser comentado e falado por todos os cantos e noticiado pela impressa.

- Não tinha pensado nisso.

Por fim chegaram a um acordo e casamento ia ser realizado na capital, porém sem a pompa que o velho queria, numa cerimônia bem menos extravagante e sem a magnificência que o sogro projetara. Foram feitos pelos quatro os acertos finais e quando os dois jovens estavam sós o rapaz disse para a futura esposa:

- Márcia, nós não podemos permitir que seus pais se intrometam na nossa vida, quero viver ao meu modo sem interferência de terceiros.

- Não vai ser fácil, meu pai sempre foi de mandar e desmandar.

- Então vamos ter brigas constantes.

- Ele já nós cedeu, um amplo apartamento em Cidade Jardim e faz questão de que moremos lá.

- Vai se brabo encarar seus pais, eles vão perturbar a gente.

- Tenha paciência meu bem, você não sabe o que é ter que enfrentar minha mãe é dez vezes pior que o pai.

- Mais é uma cruz bem pesada para gente carregar. Não sonhei com isso. Vamos então tratar de decorar esse apartamento e mobília-lo segundo nosso gosto.

- Quer conhecer o apartamento, apanho a chave com papai e damos uma olhada.

- Tudo bem. Vamos até lá conhecer o imóvel. Apanho você às dez horas.

- Quanto aos velhos é só esquecer que existem.

A data do casamento chegou e seu Martins ludibriando os noivos, não fez uma cerimônia simples como ele havia combinados com os noivos. Montou uma festa que acabou virando uma recepção, o almoço verdadeiro um banquete. A atitude dos sogros aborreceu muito ao rapaz que não havia convidado varias pessoas em função do que acertara com o sogro. Finda a cerimônia os nubentes saíram para uma estadia de quinze dias em Salvador. Numa tarde Abel disse para a esposa:

- Meu bem vou acabar me aborrecendo com seus pais, nem em nossa lua de mel, os dois não nós deixam em paz.

- Do que está reclamando meu bem.

- Sua mãe liga para você todo dia, estou com receio de qualquer hora, quando nós chegarmos lá em baixo na recepção, dermos de cara com os dois, que estão hospedados aqui no hotel.

- Não exagere meu amor ela é chata, mais nem tanto.

- Vou ser sincero a atitude de seus pais me assustam.
- Por quê?
- Não vou permitir que interfiram em nossas vidas. Fiquei muito chateado com a cerimônia de nosso casamento, seu pai combinou uma coisa e fez outra, deixei de convidar muitas pessoas em função do que foi acertado.
- Sou forçada a concordar com você que também não gostei, deixei uma amiga de fora, em função disso.
- A recepção foi praticamente deles e de seus convidados.
- É só esquecer que existem.
- Espero não me aborrecer com os dois.
- Como disse é só esquece-los. Não dar bola para eles.

Finda a lua de mel o casal voltou ocupar para o apartamento e a vidinha dos dois tomou o rumo traçaram; frequentando algumas recepções na sociedade embora sempre que podiam declinavam do convite alegando que tinham outros compromissos inadiáveis e sofriam as críticas desairosas dos velhos; diziam que deveriam mudar para uma caverna.

O partido do Governador de acertou com o de Abel sua integração e na convenção conjunta dos partidos, o nome do jovem ser sufragado pelos delegados de forma esmagadora e o mais jovem candidato ao governo teve seu nome indicado. Mais uma vez estava o rapaz envolvido numa eleição e comentava em casa com os pais:

- Vou ficar especialista em concorrer a eleições.
- Ficam faltando dois cargos para você concorrer e a lógica manda que tão logo deixe o Palácio se candidate e concorra ao senado e depois à presidência. - Dizia seu pai.
- Pare de sonhar tão alto, tenho saudade da minha vidinha aqui na fazenda.
- Você nasceu para ser político meu filho e vai morrer com tal.
- Mais filho e a vida de casado? Por que Márcia não veio com você?

- Porque não vim visitá-los, vim a serviço para a convenção do partido. Viremos no fim de semana para perturbá-los.

- Vou ficar esperando e preparar um frango a cabidela para o almoço e uma broa de milho, com banana e canela, para o café.

- Quer me prender pela boca não é mãe, assim não vale. Bem, vou voltar para capital, para aquela selva de concreto. Até sábado. Sua benção pai, benção mãe.

- Vá com Deus filho.

- Vou com você até o carro.

- Vamos então pai.

- O que se passa nessa cabeça, sua preocupação salta aos olhos. O que o está havendo?

- É minha vida de casado que não está indo muito bem.

- Que houve, posso perguntar?

- Os meus sogros vivem interferindo na nossa vida via minha mulher, se bobear até o que devo comer, que segundo eles faz bem, opinam. Querem impor sua vontade de qualquer jeito, por outro lado, não consigo convencer Márcia a termos um filho, para amainar as feras. Quando toco no assunto ela diz que ainda é cedo, que não quer ficar feia e que ainda quer se divertir um pouco. Que não está ainda preparada para tal.

- Com seus sogros é preciso ter paciência e ir se impondo devagar, uma briga com eles vai coloca sua esposa em uma situação muito complicada, pois vai ficar entre a cruz e a espada. Se for insegurança como diz, vai ficar ao lado dos pais e se colocar contra você. Imagine o que se passa na cabecinha dela, imaginando uma possível briga entre você e seus pais, ela não vai poder tomar partido e sua situação ficará complicada.

- Mais ela tem que ficar ao meu lado.

- Ela vive vinte e tantos anos ouvindo a orientação dos pais e depois convive com você por meses e você quer que cerre fileira ao seu lado? É pedir muito.

- Mais é o certo

- O certo nem sempre é tudo.

- Está muito difícil é uma briga por dia. Está ficando desgastante.

- Vá com calma para não arruinar seu casamento no nascedouro. Esse período de adaptação é muito difícil para ambos.

- Mais que esta ficando difícil está.

- Calma, deixe o tempo currar a ferida.

- Que se vai fazer? Vou seguir seu conselho, esperar e dar tempo ao tempo.

- Isso. Quanto ao filho? Essa fase logo passa. Pode estar com receio de perder a beleza ou insegurança quanto à gravidez. Talvez ainda não esteja preparada para ser mãe.

- Pode ser. Mais iria resolver um de nossos problemas.

- Dê tempo ao tempo.

- Obrigado pai por me ouvir. Lavei a alma, me fez bem desabafar.

O rapaz voltou para capital e a noite estava em casa ao lado da esposa, que disse:

- Vamos dar uma badalada por ai indo a uma boate dançar um pouco.

- Vamos deixar para outra hora, estou extenuado.

- É sempre assim, basta convidar você para sair e vem com uma desculpa. Nesta casa o verbo que mais se conjuga é dormir, este o único convite que ouso de sua boca. Até amanhã.

- Não é bem assim meu bem, só estou cansado. Vamos amanhã.

- Eu quero ir hoje. Amanhã a vontade já passou.

A jovem se levantou do sofá e subiu a escada irritada em direção ao quarto, deixando o rapaz sentado sem saber e entender o incidente. A vida do rapaz nunca mais foi à mesma depois desse incidente e a relação entre os dois começou a se deteriorar, não mais se entendiam. No fim de semana quando Abel convidou a esposa para irem à casa de seus pais com haviam combinado, ela disse que não estava interessada em viajar e que passaria o fim de semana com os pais.

No sábado, Abel foi visitar os pais e eles estranharam a ausência da nora e o rapaz tentou contemporizar e desculpar a falta da esposa. O fim de semana do rapaz foi sem graça e ele andou de um lado para o outro passeando pela propriedade.

O pai ciente dos problemas que enfrentava o acompanhava pelos passeios tentando amenizar o sofrimento do jovem, pois sabia que amava muito a esposa, porém começava a se decepcionar com o casamento.

No domingo os pais e os dois irmãos conversavam antes do almoço ser servido e o pai disse ao jovem:

- Então filho vai mesmo se candidatar ao cargo de governador?

- Tudo indica que sim pai, se realmente meu nome for indicado na convenção partidária e vou trabalhar para seja, pretendo realmente me candidatar e conhecer aquele Palácio por dentro.

- Dizem que é muito bonito. - Disse a mãe.

- É você André não acha que é hora de entrar na política e seguir seu irmão?

- Estou bem da forma como estou pai e não pretendo mudar. Não tenho garra para isso.

- Você tem que pensar no seu futuro, não pode e não deve ficar nas costas de seu irmão, como se fosse uma sanguessuga.

- Gostaria que o senhor não interferisse na minha forma de viver. Vivo como quero e posso.

- E se seu irmão deixar a política, como vai viver? Você tem planejar o futuro, você não se interessa por nada. Não quer saber da fazenda, não toma conhecimento do que se passa aqui, não sabe quantas cabeças de gado temos, quanto leite retiramos, quanto empregados temos. Vou dividi-la e cada um que tome conta do que é seu.

- Dividir o quê?

- A fazenda. Por acaso falei em grego?

- A fazenda é minha, Abel não é seu filho, nem seu nome tem, ele é um bastardo, que o senhor com pena criou e acolheu junto com essa mulher com a qual vive.

- Você está redondamente enganado. Essa mulher o amamentou e saciou sua fome quando sua mãe morreu e você não tinha leite materno para viver.

- Era preferível se me tivessem deixado morrer.

- Que isso mano, calma por que está tão nervoso? - Disse Abel.

- Não se meta. Essa conversa não é sua.

- Calma meu filho. Tentou acalmar Joana.

- Não me chame de filho, não gosto e nunca gostei de você. Quando essa fazenda for minha, vou pedir que a deixe o mais rápido possível. Vá procurar o seu lugar.

- André; não permito que ofenda nossa mãe.

- Nossa não, sua. Para mim essa mulher não vale nada, é uma puta de meu pai, que vive com ela em concubinato.

Abel levantou-se e partiu para cima do irmão para agredi-lo e sua trajetória foi impedida no meio do caminho, pela mãe que chorava copiosamente. O rapaz se abraçou com a mãe e saiu da sala.

- Essa história não terminou você vai ver. Prometo que vou me vingar de você hoje ou amanhã, não perde por esperar. - Disse André.

A discussão continuou entre o rapaz e o pai. Por fim o rapaz saiu chutando tudo pela frente e voltou para a cidade.

A tênue união da família acabara de se romper naquele momento e só tempo iria dizer com ficaria a relação entre eles. Marcos foi ao encontro da mulher e do filho e aos encontrá-los meio sem jeito disse:

- Não sei o que deu nesse rapaz, nunca o vi assim.

- Pai. Vou comprar um apartamento e colocar no nome da mãe, para o caso do senhor vir a faltar amanhã e essa ameaça pode se consolidar e ela precisa de um teto.

- Que isso meu filho, vou dividir em vida a fazenda e doar a metade a você e sua mãe pode ficar aqui pelo tempo que viver.

- A briga com meu irmão me fez muito mal, já não estava bem e agora piorou, espero que esse incidente não nos traga maiores consequências e possamos continuar unidos como uma família.

- Também espero filho, mais André é muito orgulhoso para dar o braço a torcer.

- O tempo se encarregara de mudar sua cabeça e apagar esse incidente.

O almoço transcorreu num ambiente de funeral, com os três praticamente não falando. Joana com os olhos vermelhos de tanto chorar, Abel revoltado com o irmão por haver magoado a mãe e Marcos não entendendo a revolta do jovem, contra quem o criara como filho e perguntava a si mesmo se não estava drogado. Não entendia o que levara o filho a falar tanta besteira com uma pessoa que por certo não merecia.

Findo o almoço Abel se despediu do pai e retornou para casa e não encontrou a esposa, ligou para casa dos sogros e ficou sabendo que ela saíra com algumas amigas e sentou-se na sala de estar e ficou repassando alguns trabalhos com o televisor ligado. Eram mais de dez horas, quando Claudia retornou, passou pela sala, o cumprimentou e subiu para o quarto, sem basicamente trocarem uma palavra sequer.

André saiu de casa revoltado, prometendo que se vingaria do irmão e começou a articular um plano, para acabar com a carreira política de Abel, tinha que desacreditá-lo perante a opinião publica mais para tanto deveria continuar ao seu lado, como se nada houvesse acontecido esperando pela hora e oportunidade.

Ele retornou a capital e resolveu afagar sua revolta enchendo a cara, começou a percorrer as boates e barzinhos a procura de álcool e uma companhia para acabar a noite. Num deles encontrou uma loura que lhe chamou atenção. Ele ficou sentado a sua frente, imaginando uma maneira de aproximar da jovem, não demorou chegou um colega e começaram a bater um papo e André confidenciou ao recém-chegado, que havia gostado da jovem e discretamente a indicou e o colega disse:

- Quer conhecê-la? Eu a apresento a você afinal é para isso que serve um amigo e o levo até ela, mais se prepare para gastar, pois gosta de grana alta.

- Faria isso por mim?

- Claro, espere um instante.

O rapaz saiu e foi até a mesa onde se encontrava um senhor e a jovem. Falou algo no ouvido do senhor e retornou a mesa onde André se encontrava e fez um sinal com a mão para o senhor e este o convidou com um gesto a ir até mesa onde se encontravam e quando chegou disse:

- André esse é o senhor Aristides, um amigo e amigo da jovem em questão que quer conhecer. Aristides esse jovem é André, assessor do futuro Governador, ele se interessou por Leila e queria conhecê-la. Pode apresentar os dois?

- Será um prazer meu jovem, pois ela está carente, porque desfez o namoro. Não a machuque, pois não vou gostar e posso voltar para lhe cobrar. Mais vai ser um prazer ajudar os dois.

O senhor convidou os dois a sentarem-se à mesa que ocupava e voltou-se para a bela jovem loira e a apresentou ao rapaz dizendo:

- Leila, esse é André assessor do futuro Governador. André, essa é Leila uma gata que gosta de dançar e curtir a noite.

Os dois se cumprimentaram com um beijinho no rosto e começaram a conversar, sobre assuntos diversos. O senhor e o colega de André discretamente se despediram e saíram da mesa.

Os dois jovens falaram de assuntos diversos e depois seguiram até um barzinho que a moça conhecia e ficaram bebericando e conversando. No fim da noite, ao se despedirem marcarão um novo encontro para o dia seguinte no mesmo local.

Abel esqueceu-se das mazelas domésticas, dedicando-se de corpo e alma a campanha de seu irmão para o governo do Estado, apagando de certa forma a má impressão do almoço e da dissidência na fazenda, mudou até o modo de tratar Joana. Se não era afetivo também não era agressivo.

A campanha começava e o jovem trabalhava com afinco na candidatura do irmão, cuja sua vitória foi esmagadora. Novamente no dia 1° de janeiro, lá estava ele, cercado de convidados participando de uma solenidade de posse,

agora assumindo e mudando-se para o Palácio da Liberdade.

André e Leila passaram a se encontrar com constância e eram vistos juntos, frequentando os lugares badalados da noite da capital, como boates ou barzinhos ruidosos. Uma noite numa boate que freqüentavam normalmente, onde os dois passavam a noite, o rapaz disse para a moça.

- Posso convidar você a conhecer o meu apartamento e lá bem juntinho, terminarmos a noite, tornando-a inesquecível.
- Juntinhos como?
- Juntinhos, você sabe como.
- Você quer dizer me levar para cama?
- Pode ser. Se você quiser é claro. No amor nada deve ser forçado ou programado. As coisas devem acontecer naturalmente, de comum acordo entre os participantes, sem imposições de nenhum dos lados. Amor no fundo é dar mais do que receber.
- Com essa filosofia não é má idéia. Estou cansada tive um dia hoje de cão, foi um sufoco, não consegui descansar um minuto.
- Trabalhou muito?
- Bastante, aquele meu emprêgo vai me matar e não compensa a grana que ganho. Tenho que arranjar algo melhor e que renda mais. Ajude-me a arranjar algo melhor?
- Vou tentar ver com os amigos.
- Agradeço desde já se conseguir.
- Vamos então?
- Vamos, mais se eu não quiser, jura que não vai insistir?
- Juro. Mais posso pelo menos tentar excitá-la?
- Pode não, deve.

Os dois saíram do bar e foram para o apartamento do rapaz. Logo que entraram, ele perguntou a companheira:

- Quer tomar algo?
- Sim um bom banho.
- Posso tomar junto e ensaboar seu corpo?

- Pode. Assim não preciso me abaixar para esfregar os pés.

Ele providenciou um jogo de toalhas e quando chegou ao banheiro, quase perdeu o fôlego, ao ver o corpo escultural de sua companheira, que estava de costas para a porta, com o pé apoiado ao vaso sanitário acabando de retirar a calcinha. A jovem voltou-se e sorriu para o parceiro e disse:

-Que foi? Porque está surpreso? Queria que eu tomasse banho, vestida?

-Não, não. Estou só admirando, como você é linda. Como o seu corpo é belo e como são perfeitas suas curvas. Parabéns. A natureza caprichou.

-Obrigado. Ele pode ser todo seu.

Ela entrou no box, abriu o registro do chuveiro, regulou a temperatura da água e se deliciou com o jato morno da água. O rapaz pendurou as toalhas no cabide, se despiu rapidamente e entrou no cubículo de vidro e se deliciou ao esbarrar o pênis duro no corpo da linda loira. Os dois ficaram debaixo do jato de água se esfregando um ao outro, aos beijos e abraços, por um longo tempo, depois saíram e começaram a se enxugar mutuamente, transbordando de carinho e tesão. E a jovem disse:

- André, me leve para cama e faz amor comigo, me penetre bem fundo quero esse nervo duro todo para mim hoje.
- Só quer ele hoje.
- Não, acho que vou gostar e querer sempre.
- E só deixar e continuar a nos ver.
- Quero dormir de lado com esse pau dentro de mim. Mete bem fundo. Há tempos que não dou umazinha e tenho que tirar o atraso.
- Engaçado, também estou atrasado; então juntou a fome com a vontade de comer. Você é linda.
- Vamos gozar muito, quero me afogar nos seus espermas. Vamos então.

O rapaz pegou a jovem no colo e a levou para cama, onde a deitou com muito cuidado e carinho. Acomodou-a no leito e subiu sobre ela e começou a beijar-lhe as

pontas das orelhas enfiando a língua nas cavidades das mesmas. A moca gemia de prazer e pedia:

- Penetre-me bem fundo, minha vagina arde de excitação, me penetra.

- Calma, tem tempo, não vamos nos apresar para podermos gozar esse momento sublime e o guardarmos para sempre na memória.

Ele passou a beijar-lhe a base do pescoço desceu para os seios, mordiscando seus biquinhos, passou para o umbigo e continuou descendo passou pelo monte de vênus, atingindo a vagina e voltou a mordiscar o clitóris da jovem. Enfiou a língua em sua vagina e a jovem gemia de prazer e de excitação. Ele continuou a lamber suas partes íntimas e está deu gritinho para ele dizendo:

- Pará amor. Estou quase gozando, pare senão não vou aguentar e perder a festa. Vou gozar sem ter esse pau dentro de mim.

- Goze meu bem, encha minha boca de seu suco vaginal.

- Mais André, eu quero gozar é com seu pau dentro de mim.

- Primeiro goza na minha boca meu bem, depois nós dois gozamos juntos outra vez de pau dentro.

A moca soltou um gritinho e ficou prostrada ao lado do rapaz. Ele esperou que ela se recuperasse e disse ao seu ouvido:

- Ainda não acabei e tenho muita munição para gastar. Posso continuar?

- Não espere um pouco, deixe-me recuperar o fôlego, foi delicioso nunca havia gozado com uma língua em minha buceta, foi realmente algo indescritível meu bem.

O rapaz ficou deitado ao lado da garota, admirando sua beleza, enquanto ela respirava fundo para se recompor mais rápido. Derrepente ela se soergueu e começou a beijar o rapaz partindo das orelhas, passando pelo pescoço e descendo até o pênis duro do jovem e enfiou-o na boca e passou a chupá-lo avidamente enquanto ele gemia e pedia que o colocasse todo, dentro de sua boca. Ele também pedia para que parasse, pois não queria gozar assim, mais não

demorou muito e ele ejaculou um jato quente de esperma na boca da jovem, que toda suja disse:

- Que coisa deliciosa André, nunca tinha feito um início de sexo assim tão gostoso. Vamos descansar, nos recompor e sair para o jogo principal.

- Concordo. Vamos nos lavar, fazer um lanche, descansar um pouco para nos recuperar. Depois começamos tudo de novo e vamos fazer sexo como manda o figurino.

Os dois se levantaram limparam parte da sujeira que haviam feito na cama e foram ao banheiro, enlaçados aos beijos e abraços. Novamente debaixo da água tépida, começaram se beijar e se acariciar e logo após se enxugarem, o rapaz reconduziu a jovem para alcova onde novamente deu-lhe um banho de beijo. Foi até a copa e retornou com um vinho e uns petiscos de queijo, presunto e biscoitos e sentados na cama comeram aos beijos e carícias. Depois delicadamente, deitou-se sobre a jovem, que tomando seu pênis o conduziu para o interior de sua vagina e à medida que ele ia enfiando aquele pau duro, para o interior da garota, ela ia emitindo gritinhos de prazer e paixão se contorcendo para facilitar a penetração. Quando o nervo rígido encontrava-se todo dentro dela, ele começou a fazer movimentos de sobe e desce com o tronco, enquanto a garota fazia movimentos circulares com os quadris e ambos gemiam de prazer e satisfação.

Por um longo tempo os dois ficaram fazendo essa movimentação e por fim gozaram e caíram extenuados um para cada lado, cheios de satisfação e leves com uma pluma, gozando o prazer que o coito proporcionara. A moca e o rapaz se limparam com uma toalha e cansados dormiram agarradinhos.

Pela manhã ao acordarem repetiram a copula e foram tomar uma ducha, logo após o banho a Leila preparou um café, os dois sorveram o líquido acompanhado de leite, pão e outras iguarias e se prepararam para voltar para a luta diária e o rapaz perguntou a jovem:

- Quando nos vemos novamente?

- Se você gostou e quiser repetir e só marcarmos um local para encontrarmos. Mais antes de vir para seu

apartamento, vamos passar em um mercado abastecer sua dispensa que está muito pobre. Tem coisas que gosto de comer e ela não tem.

- Então apanho você as dezoito e trinta na porta do seu trabalho. Está bem para você?

- Não prefiro que me apanhe em casa às vinte horas, para que possa me produzir. Vamos fazer umas comprinhas antes.

- Tudo bem passo lá nesse horário. Qual vai ser nosso programa?

- Vir para seu apartamento dar uma arrumada nessa bagunça, depois nós amamos até cansar e dormir. Vou trazer umas roupas para deixar aqui posso?

- Claro que sim.

- Vou comprar uma camisola de lingerie linda, para estrear logo à noite. Vou me produzir só para você repetir a noitada de ontem.

- Você gostou?

- Adorei, nunca tinha gozado tanto e tão gostoso. O sexo bucal foi o máximo. Você é muito concupiscente.

- Que tal logo fazermos um anal.

- Você está louco de pedra, acha que vou aguentar esse pau grande e grosso, dentro do meu ânus. Vai me rasgar toda. Vou ficar sem sentar por vários dias.

- Existe um ditado popular que diz: "com cuspe e jeito a gente põe no cu do sujeito".

- No dos outros é fácil dizer e fazer. É no meu que vai dor.

- Não quer nem tentar?

- Posso tentar, só para satisfazer sua tara, mais se doer vai parar no ato. Promete?

- Prometo, vou comprar vaselina para facilitar.

- Vai me sujar toda. Não basta lubrificar com cuspe como diz o seu ditado?

- Pode ser. Aposto que vai gostar.

- Vamos ver. Algumas colegas que fizeram e dizem que dói muito.

- É só na primeira vez, se não se fizer com paciência. Deixe comigo que não vai doer.

- Então vamos?

- Vou ser paciente e carinhoso e parar se pedir.
- Veremos. Vamos, me deixe em casa, por favor. Preciso comprar um carro assim que sobrar algum dinheiro, andar a pé não dá.
- Pensei que tinha um.
- Não, ainda não deu para comprar um, a grana está curta nos últimos tempos.

Os dois deixaram o apartamento do rapaz e este conduziu a jovem até o prédio onde residia e na porta André disse:

- Bem, chegamos. Apanho você à noite.

Os dois se despediram com um longo beijo e garota entrou na portaria, subindo para seu apartamento.

André por sua vez ficou parado dentro do carro e disse para si mesmo: - "Não vou perder essa gata, ela é demais e vou investir tudo que posso nela".

Os encontros se sucederam e o rapaz começou a se dedicar à garota e para impressionar a namorada, passou a gastar mais do que ganhava. Seu primeiro presente foi um carro médio e outros se sucederam, tais como vestidos, joias, eletrônicos e outros, isso além dos gastos diários que sempre fazia nas noites de badalação. Era o melhor e o mais ardente período amoroso de sua vida. Ele não sabia como manteria aquele modo de vida e Leila por sua vez se aproveitava e gastava o que podia e o que não podia, retribuindo ao jovem como muito amor na cama, se esmerando para agradá-lo.

O tempo se passou com André e Leila gozando a vida e as economias do jovem se degradando, ele passou a apanhar empréstimos com o pai, depois apelou para o irmão e por fim por indicação de Leila, recorreu a um grande agiota da capital. Sua dívida crescia dia a dia e ele não tinha mais como pagá-la, seu orçamento só dava para saldar os juros e sentia que tinha que arranjar um meio de manter a vida desregrada na qual se envolvera.

Abel trabalhava duro, governando o grande Estado que crescia a olhos vistos e a população elogiava o jovem, seu prestígio já levava seu nome a ser cogitado para presidir o país.

Num domingo de sol, os vespertinos estampavam em manchete nas primeiras páginas, um escândalo envolvendo o primeiro mandatário do estado, exibindo como prova a xerox de um cheque sem nominação e insinuava perguntando, se não haveria outros. As manchetes deixavam transparecer nas entre linhas que havia falcatruas no governo e incitava os deputados a apurar as denuncias e prometia acompanhar de perto seu desenlace.

No Palácio a mesa do café, Abel ao descer encontrou Márcia sentada, exibindo com sarcasmo para o marido o jorna. - Dizendo:

- Veja Abel, o jornal o acusa de haver emitido cheques sem nominar o portador. Que você tem a dizer sobre esse assunto?

- Nada. Trata-se de uma acusação infundada. Querem me atingir.

- Você não vai se defender?

- Para quê? Para dar o que falar para essa gentalha da impressa marrom.

- Isso vai dar o que falar pode crer.

- E daí?

- Não quero ser motivo de chacota entre minhas amigas.

- Essa é sua maior preocupação?

- Lógico, não quero ver meu nome, nem o de minha família envolvida em nenhum escândalo.

- Não vou me apoquentar com isso.

- Meu pai vai chiar feito cobra, quando ler isso.

- Problema dele.

- Dele não, nosso.

- Por quê? Quem vai perder o cargo ou vai para cadeia sou eu e não você.

- Mais vai enlamear o meu nome também.

- Foi o risco que correu ao se casar comigo.

A jovem esposa do Governador levantou-se da mesa e saiu para seu quarto, voltando minutos depois, de roupa trocada e arrumada para sair, dizendo ao passar na sala para o marido:

- Vou passar o dia com meus pais.

- Bela esposa eu arranjei, nem bem a chapa esquenta e ela pula fora.

- Não vou me envolver em escândalos. Até a noite.

- Até meu bem. - Disse Abel mudando a entonação da voz para falar de forma irônica.

Márcia saiu com tanta raiva que seu carro chegou a cantar pneus, quando saiu da garagem. Abel pegou o jornal e começou a ler a reportagem, procurando verificar se a assinatura no xerox do cheque exibido era realmente sua e chegou à conclusão que sim. Que era realmente dele não restava dúvidas. Preocupado ele levantou-se pegou o telefone e discou um numero e tão logo atenderam disse:

- Luiz Carlos é Abel, gostaria de falar com você.

- Como vai Governador? Estou sentido sua voz embargada.

- Nada bem meu amigo. Leu os jornais de hoje?

- Sim, seu nome está na primeira pagina. Virou manchete.

- É sobre isso que quero lhe falar. Pode se encontrar comigo ainda hoje?

- Posso. A que horas e em que local?

- Conhece a churrascaria Boi Bravo, na BR-40, na saída para o Rio?

- Sim sei onde é.

- Podemos almoçar juntos.

- Claro, que tal por volta das quatorze horas, assim tenho tempo para solucionar uns problemas que tenho pela manhã.

- Não, nesse horário está ótimo. Até à tarde.

- Até meu amigo e acalme-se.

- Obrigado.

À tarde os dois se encontraram na churrascaria e sentaram-se em uma mesa discreta num canto, pediram uma cerveja e Abel disse ao amigo:

- Desculpe atrapalhar o seu domingo, mais além de precisar de ajuda, não sei como agir, pois nunca me vi envolvido num caso como esse e nem sequer parecido. Preciso que me aconselhe profissionalmente como proceder.

- Do que se trata afinal? Em que posso ajudá-lo

- Você leu a reportagem de hoje dos jornais?

- Sim, tomei conhecimento. Qual o envolvimento que você tem realmente nessa história?

- A assinatura no cheque é realmente minha.

- Como você pode ter assinado um cheque sem nominar o portador?

- Não sei, o fato é que sou culpado dessa ação e não sei como pode acontecer, sou macaco velho e não faria isso em sã consciência.

- Como acha que isso pode ter acontecido?

- Não faço a mínima ideia e a coisa foi feita para me desestabilizar, querem me desmoralizar politicamente. Não sou louco de assinar um cheque sem nominar o portador, quando sei que a Constituição Estadual não permite. Estaria decretando a minha derrocada política, estaria dando aos meus adversários políticos um prato cheio.

- Como acha que aconteceu?

- Estive pensando nisso e só vejo uma maneira, assinei sem ver o que estava fazendo. Não reparei que o cheque estava sem o nome do beneficiário.

- Explique melhor?

- Por falta absoluta de tempo, normalmente sento-me na minha mesa e assino tudo que minha secretária seleciona e deixa separado para que assine.

- Você assina sem ler os documentos que assina. Não vê o que está cometendo um erro gravíssimo?

- Infelizmente sou forçado a reconhecer que é o que normalmente faço. Não tenho tempo hábil para ler tudo que passa pela minha mesa e tenho plena confiança em meus assessores diretos.

- Então está acusando alguém de sua equipe ou seus assistentes diretos?

- Não, claro que não, confio em minha equipe e colocaria minha mão no fogo pela integridade de todos eles.

- Mais tem que ser alguém que entrou no gabinete e colocou o cheque no meio dos outros. Logo só poderia ser alguém de sua equipe?

- Poder até poderia, mais não acredito nisso, são funcionários escolhidos por mim e nos quais confio plenamente, alguns nós acompanha há anos vieram comigo de